

ANC 88
Pasta 77/79
083/1977

8 OUT 1977
"Le Monde"
vé ação contra a
Constituinte

J. B. Natali de Paris

Abandonando o prudente silêncio que observava há alguns meses sobre a política interna brasileira, o vespertino francês "Le Monde" publicou ontem em quatro colunas um longo comentário intitulado "Ao propor um debate sobre as instituições, o governo procura esvaziar a campanha em favor de uma Assembléia Constituinte".

Assinada por Jean-Pierre Clerc, especialista de assuntos latino-americanos daquele jornal, a matéria constata que o Brasil atravessa um período inédito de efervescência política e social com o movimento estudantil manifestando-se desde abril, líderes sindicais e juristas tornando público seu descontentamento, e sobretudo com o MDB decidindo adotar em sua convenção extraordinária, a defesa da convocação de uma Constituinte.

"Vários elementos conjugaram-se para conturbar a máquina acionada pelos militares de Brasília" — argumenta o vespertino — sobretudo "o descontentamento de grandes camadas da população diante de uma crise econômica cujos efeitos se evidenciam nos últimos dois anos". Os setores "relativamente favorecidos pela política econômica do regime engolem com dificuldade a queda do poder aquisitivo provocada pela inflação e a limitação dos aumentos salariais". Embora constatando que a situação da economia brasileira é menos dramática que a dos demais países do cone sul do continente, "a burguesia industrial reclama contra a diminuição de seus lucros, contra a ingerência excessiva dos militares, a restrição dos créditos, redução dos investimentos públicos e o freio às importações como terapia de combate ao déficit da balança comercial".

No entanto, o fator determinante seria a proximidade da escolha do sucessor do presidente Geisel. "Como em todos os regimes em que a sucessão não é promovida com base numa consulta popular, este processo, no Brasil, acompanha-se tradicionalmente de um período tenso, propício à expressão do descontentamento da população e à agravação das dissensões internas ao sistema".

O vespertino parisiense comenta que embora até agora só tenha surgido uma candidatura — a do senador Magalhães Pinto — os verdadeiros concorrentes são os generais Sílvio Frota — "visto por alguns observadores como ligado à corrente da extrema-direita nacionalista" — e João Batista Figueiredo — "favorável a uma direita liberal 'civilista' e ligado aos meios dos investimentos estrangeiros". Os civis e militares próximos de Geisel dividem-se entre os dois nomes, e o atual presidente poderá, ainda de acordo com o articulista, preferir um terceiro oficial das Forças Armadas, o general Dilermando Gomes Monteiro — "reputado politicamente mais liberal que seus dois colegas".

Fora dos bastidores, o jornal comenta uma fermentação crítica contra o regime, sobretudo em razão da liberdade que vem favorecendo a imprensa escrita. Cita a "Carta aos Brasileiros", as declarações de ex-ministros de governos pós-64 defendendo uma volta dos militares à caserna, a ação dos metalúrgicos de São Paulo e a Igreja Católica.

Foi para tentar "desarmar os espíritos" que o governo, confiou aos dirigentes da Arena a abertura de um diálogo com a Oposição. "Convencido de que não é mais possível acalmar as paixões sem fazer certas concessões, o sistema escolheu cuidadosamente o terreno. Convocando uma discussão em nível de Estado, Maior procurou conter as manifestações de rua".

"Não há a mínima intenção de reconduzir o Brasil a uma democracia tradicional, considerada não como um regime de liberdade mas de libertinagem. O fundamento ideológico do sistema, a doutrina da Segurança Nacional, dificilmente será colocada em cheque". Assim, o "Monde" acredita que haveria no máximo a criação de um organismo colegiado com predominância militar para compartilhar das atribuições que hoje o AI-5 fornece ao Executivo, a instituição do habeas corpus ou a revogação do decreto 477. Estaria fora de cogitação, no entanto, uma anistia política reivindicada pela esquerda.

"Com as discussões constitucionais e a competição pela presidência, abriu-se no Brasil uma fase política crucial. Ela culminará em novembro do ano que vem com as eleições legislativas em que a Oposição espera conquistar a maioria na Câmara. O evidente propósito do governo é o de não permitir que a paisagem seja excessivamente modificada".

E assim que, para o articulista francês, o conteúdo da redemocratização seria relativamente tímido. Se de um lado a concessão de amplas liberdades sindicais parece excluída, de outro o regime poderá beneficiar "a elite intelectual, política e universitária. A ambição do presidente Geisel parece ser hoje a de criar um fosso entre a Oposição que se contentaria com este tipo de abertura e a oposição que a desejaria bem mais ampla".

FOLHA DE SÃO PAULO

FOLHA DE SÃO PAULO
LO
08 OUT 1977